

PAUL ARBOUSSE-BASTIDE(*)

P — Como o sr entrou em contato com o Brasil?

P.A. B. — Eu me lembro perfeitamente da primeira vez que entrei em contato com o Brasil. Não foi bem um contato direto, mas um contato de imaginação. Acontece que conheci muito bem um ilustre professor francês, e médico também, professor de Psicologia, o Prof. Georges Dumaas. Aquele professor já conhecia o Brasil, para onde costumava viajar no intuito de organizar ou facilitar a instalação e implantação de um colégio francês no bloco brasileiro. Era nos arredores de 1920. 22,23. Ele falava no Brasil como de uma terra tão simpática, uma terra de tantos amigos dos franceses e da cultura francesa, que eu sonhava um pouco com o Brasil, através de suas palavras animadoras. Eu estava estudando na Sorbonne e sabia que esse professor, de vez em quando, voltava para o Brasil. Disse a ele: se por acaso qualquer oportunidade aparecer, gostaria muito, também, de conhecer o Brasil. Mas ele me perguntou: por que voce quer conhecer o Brasil? Eu respondi: o professor me falou de uma maneira tão simpática do Brasil, dos brasileiros, que isso despertou em mim um grande interesse por essa terra. Mas também porque aqui, na França, na Europa, as coisas continuam sem muita novidade. Gostaria de ver uma terra onde as coisas estão se fazendo, se movimentando, para ser testemunha de algo que está crescendo, surgindo. Terminei minha formação na Sorbonne, obtive o título necessário para ser professor. A minha especialidade era Filosofia, e Psicologia também. Um dia, ele me mandou um telegrama,

(*) — Entrevistado por Antônio Marcos de Almeida, assessor de imprensa da Prefeitura da USP.

dizendo para eu vir para São Paulo dali a uns dois ou três meses. Aí eu pensei: Para que? já estava casado, já tinha um filho.

P — Isso em que ano foi, professor?

P.A. B. — 1933 para 1934. Pensei um pouco, fui pensando no projeto, então concordei. Consultei minha senhora, viajei. Assim que cheguei ao Brasil, perguntei: do que se trata? Trata-se de implantar uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Eu devia ficar aqui por três anos. Consultei minha senhora, que tinha de ficar na França por causa de seus pais idosos. Ela disse: Ficar lá três anos! vai ser um pouco duro para nós/ mas. / Sim, porque não? mas prometa me escrever contando tudo o que você estiver fazendo. Eu escrevi, cada semana uma carta. Foi o que aconteceu. A nossa aventura começou assim. Cheguei aqui com oito ou nove colegas franceses.

P — Todos vieram para fundar a Faculdade de Filosofia?

P.A. B. — É, exatamente.

P — Na época, o sr tinha quantos anos?

P.A. B. — 34 anos.

P — Quando o sr chegou aqui, como o sr viu o ambiente cultural em São Paulo, quer dizer, o que existia neste campo aqui na cidade de São Paulo? Qual era o ambiente cultural? Era um ambiente propício à criação desta Faculdade? Existia interesse, por exemplo, dos industriais, para começar a produzir alguma coisa em benefício próprio?

P.A. B. — Havia grande interesse, mas não posso dizer que fosse um interesse de industriais.

P — De onde partiu esse interesse?

P.A. B. — Partiu de um grupo de intelectuais, daqueles intelectuais paulistas que eram organizadores e participantes da famosa Semana de Arte Moderna de 22, e principalmente, de um grupo importantíssimo, o grupo do Partido Constitucionalista, depois da revolução de 32. Esse grupo era bem incorporado no grande jornal *O Estado de S. Paulo*, dirigido por Julio Mes-

quita Filho. E atrás dele, Armando de Salles Oliveira, que era seu cunhado. Além disso, existia um público muito importante, não só de intelectuais, mas de gente de classe média e classe mais abastada, mais alta.

P — Já existia classe média naquela época, professor?

P.A. B. — Muito boa pergunta: não. De modo que devo retificar minha resposta. Não. Na verdade, não existia.

P — É, porque pela história, a gente sabe que o Senhor chegou logo depois da revolução de 32. Eu acho que o ambiente devia inclusive estar ainda um pouco conturbado, não?

P.A. B. — Muito.

P — O que a gente sabe, o que a gente lê é que havia as grandes famílias, que tinham grandes posses, as plantações de café e as grandes fazendas. E parece que a industrialização ainda não existia. Então não sei se a classe média teria algum espaço para sobreviver.

P.A. B. — A sua pergunta é perfeitamente pertinente. Falei da classe média, mas ainda não era uma classe média de fato. Ela começava a manifestar-se, uma classe que não era a aristocracia, mas também não era o povão. Uma classe que desejava subir, adquirir uma cultura mais alta, mais clara. Essa classe, que é a futura classe média, era de gente já formada em Direito, estudantes de Medicina, ou mesmo sem formação. Compreendiam o francês muito bem. Não falavam muito bem, mas dava para entender o francês, perfeitamente. As primeiras conferências que nós realizamos foram na sala da Geografia, na Rua Benjamim Constant, perto do Largo São Francisco. Acho que essas salas ainda estão lá. A sala estava cheia de um público que entendia muito bem o francês, que não eram necessariamente altos intelectuais, mas que era a futura classe média e que tinham um conhecimento extraordinário, uma prática de ler e ouvir o francês, um desejo muito grande. Claro que nenhum de nós falava português. Por isso

éramos obrigados a dar essas conferências em francês.

P — Professor, quantos eram os professores nessa primeira leva, dos que vieram com o sr ?

P.A. - B. — Uns oito. É bom conhecer cada um, caracterizar cada um porque a composição desta primeira turma era bem original.

P — Pelo tipo de formação de cada um?

P.A. B. — Ninguém sabia do que se tratava, a não ser um deles que já conhecia o Brasil. A composição dos primeiros participantes da Faculdade de Filosofia se distribuía entre os franceses, os italianos que chegaram um pouco depois e os alemães. Os franceses ocupavam as cadeiras que se pode chamar de humanidades, cadeiras de literatura francesa, história, sociologia e também de latim, de grego, literatura portuguesa e geografia: nada de ciência pura. Os italianos e os alemães ocupavam as de física, química, biologia, ciências naturais, mineralogia, estatística e matemática.

P — Então, na época, pelo que eu entendi, houve um convite para três países, quer dizer, para França, Itália e Alemanha somente, ou teve mais algum país que também recebeu convite?

P.A. - B. — Não houve convite.

P — Ou houve a iniciativa da França, da Itália e da Alemanha?

P.A. B. — Não, não, a iniciativa partiu do país. Não houve oferta, a iniciativa veio do Brasil.

P — Agora eu pergunto porque São Paulo e não o Rio?

P.A. B. — Ah! boa pergunta. É porque São Paulo acabava de sair da revolução de 32, acabara de sair mal, isso era nítido em São Paulo. Que tinha confiança em sua força, ainda não industrial, mas era uma capacidade econômica e que afinal de contas foi obrigado a se conformar, pelo golpe de Getúlio, com a centra-

lização. Esta revolução de 32 foi uma revolução constitucionalista, é verdade, mas federalista, do estado contra uma centralização demasiadamente esmagadora. Ah! autonomia, se não autonomia, mas liberdade para cada um. Então São Paulo continuava a acreditar em si mesmo, isto vai ser a demonstração do que podemos ser, fazer, pensar e conceitualizar. E também um certo. — um bom exame de consciência. Por que isso aconteceu à locomotiva do Brasil? O paulista tinha muito orgulho. Por que isso aconteceu? Na verdade, ou por falta de preparo intelectual profundo. — não vamos dizer da classe média?

P — Eram muito elitistas.

P.A. B. — Era isso mesmo que eu não queria pronunciar, porque tem uma conotação pejorativa. Quer dizer, que São Paulo tivesse condições de oferecer uma cultura forte, bem estruturada e com a coragem de começar com elementos novos.

P — A única parte da população que tinha alguma cultura, era uma elite que tinha condições de ir para fora, quer dizer, o país não tinha o que oferecer para aqueles que não tinham condições de sair. Então quer dizer que esse convite, não foi o próprio Brasil que fez a estes países? Partiu de São Paulo e não do governo federal?

P.A. B. — Nitidamente. Não vou dizer que foi contra o governo federal. Mas foi uma manifestação de expressão, de auto-afirmação. E não conseguíamos entender bem, quando da nossa chegada. Pouco a pouco descobrimos que éramos muito mais que uma missão cultural, era uma oportunidade dada a nós na medida em que estávamos dispostos a aproveitar esta oportunidade única de compartilhar uma experiência de vida política e social dos paulistas. E isso nos empolgou. Pouco a pouco fomos compreendendo esta chance que tivemos de vir, uma chance maravilhosa.

P — O sr. estava em começo de carreira?

P.A. B. — Sim, e vimos esta possibilidade, que não é muito frequente, de participar da vida de uma grande co-

munidade como São Paulo, uma aventura entre o intelectual e o social. E que oportunidade! também a experiência maior era a possibilidade de nos integrarmos dentro desse movimento, e não foi de um dia para o outro que nós conseguimos entender

P — O sr. disse que o convite partiu de São Paulo e que a iniciativa era de um grupo de intelectuais e, pelo que entendi, também de grupos da sociedade existente na época. Nesse grupo tinha os Mesquitas, que têm uma tradição jornalística centenária. Agora eu pergunto: o jornal deve ter conseguido formar uma opinião favorável a essa vinda? Foi feito um esforço prévio, ou só após a chegada? O Senhor teve notícias?

P.A. B. — Ah! foi prévio. É lógico que encontramos um grande apoio de gente importantíssima, pois até já havia um reitor. O reitor não podia dominar, mas sempre através dele existia uma verdadeira USP. Eles tinham um decreto e mais nada. Esse reitor era Reynaldo Porchat.

P — Já existia o decreto para a criação da Universidade, então?

P.A. B. — Parece que já existia o decreto para a formação da Universidade. Esse decreto coincide com outro, são dois decretos que saíram no mesmo momento.

P — Na época já existiam quais faculdades aqui?

P.A. — B. — Existiam faculdades de grande tradição: Faculdade de Direito, de Medicina, Escola Politécnica, Instituto de Saúde Pública. Grandes faculdades. Mas o projeto era para um conjunto com unificação. Exatamente como eram antigamente as Universidades na Idade Média, que constituíam um conjunto de professores — antes da matéria didática, do currículo, das especialidades, antes dos alunos — para se defender dos abusos do feudalismo. Do feudalismo e também do poder — econômico não, que não existia na Idade Média — mas dos poderosos da época. Os poderosos eram da Igreja, eram os senhores feudais. A idéia das primeiras universidades é a criação —

não quero abusar de uma palavra que é muito difundida — de uma verdadeira solidariedade entre as diversas disciplinas, o que agora se chama interdisciplinariedade. Então a idéia era esse conjunto mas também o local necessitado para o estudo. Já existiam *campi* universitários onde os estudantes viviam, como em nosso país, esta cidade universitária, que se chamava das Nações.

P — Daí o nome Universidade.

P.A B. — É, das Nações. E logo foi instituído o caráter de inviolabilidade. A polícia, o poder temporal não entra lá, a não ser que o reitor autorize. A mesma coisa, lembra? quando os criminosos tinham asilo dentro da igreja, dentro do prédio da igreja: entrou lá, ninguém mais entra lá, ninguém pode tocar. A mesma coisa na Universidade: lá ninguém pode entrar, lá há um recanto de liberdade. E foi talvez um pouco essa idéia que presidiu a iniciativa do Mesquita. Mas logo depois, um ano depois, a Universidade Federal do Brasil apareceu no Rio e tenho certeza que isso foi uma consequência da fundação da USP. Mas a inspiração do Rio foi bem diferente, lá eram chamados professores já consagrados, já medalhões. Uma coisa que me parece fantástica, é que nós éramos professores mas não éramos grandes titulados. Um de nós veio com 23 anos em 1934, e era Professor de Filosofia, com agregação em filosofia. Todos éramos *Agrégés!*

P — Qual foi a participação da Igreja na época?

P.A B. — Nada!

P — Nada?

P.A B. — A Igreja nos via com suspeita, a Faculdade de São Bento nos via com suspeita, porque os professores foram escolhidos fora de qualquer participação em qualquer grupo religioso. E também, sabe, tem esta coisa que vem da França, a liberdade, igualdade, fraternidade, um certo liberalismo, muito avançado talvez. Mas a França é outra coisa, a França orgulha-se de dar uma formação e incentivar a importância do

espírito crítico não negativo, saber que cada um tem o direito e o dever de dar sua opinião e julgar. Ninguém entra de olhos fechados em qualquer sistema.

P — A Igreja se viu atacada nos seus domínios, com essa vinda?

P.A. B. — Nunca foi atacada.

P — Não estou dizendo que ela foi, estou perguntando se ela se sentiu, se ela previu a perda do domínio da cultura, isto é, os senhores da Faculdade de São Bento.

P.A. B. — Entre nós, quatro ou cinco, a metade, eram abertamente católicos, mas católicos que depois chamaram de liberais, absolutamente católicos mas católicos abertos. E aquele grupinho entrou em contato com o Rio, com aquele grupo do Tristão de Athayde, que no Rio era muito importante.

P — Vamos falar agora um pouco da fundação da Universidade. Como o Sr. disse, foi basicamente um acordo entre Dumas e Júlio Mesquita Filho. Eles definiram um modelo para a Universidade, ou permitiram a criação de um modelo, ou se inspiraram em algum modelo existente na Europa?

P.A. B. — Não, não se inspiraram em modelo exterior, o único modelo é o de uma Universidade do tipo liberal, aberta, com espírito crítico e sem modelo especial. Um pouco talvez o modelo francês, porque Júlio Mesquita era muito apegado à cultura francesa. E também tinha outro elemento como Fernando de Azevedo, que não pertencia de início à Universidade, era da escola chamada Instituto de Educação, a Caetano de Campos, na Praça da República, e que era o conselheiro do Mesquita. A idéia era fazer uma Universidade com grande intercâmbio interdisciplinar, com uma boa base filosófica, sem nenhum dogmatismo, deixando a possibilidade de cada professor expressar sua atitude pessoal, para exercer, praticar, um espírito crítico esclarecido. Um modelo verdadeiramente liberal, uma séria suspeita a respeito do modelo americano. Esse período é tão rico que até muitos brasileiros da instituição não

têm idéia dessa riqueza, e de quanto participamos. Nossa experiência é muito cheia, mas é preciso analisar, pensar. Então, vamos tomar cada um. E cada um é muito interessante do ponto de vista da escolha. Em primeiro lugar devo mencionar um professor que aqui exerceu uma grande influência, Robert Garic. Ele era católico, mas um católico-social muito aberto, muito vivo e com muito bom contato. Um homem de 35, 36 anos. Um homem que lançou na França um movimento que se chamou *Équipes Sociales*: quer dizer, aproximação do povo, até do povão, por parte dos intelectuais, com a idéia de que os intelectuais — uma idéia muito romântica, muito generosa — podem perfeitamente contribuir com alguma coisa de sua cultura, não devem se deixar ficar no seu castelo de marfim.

P. — Torre de marfim?

P.A. B. — Oh! Oh! Torre de marfim. E também que o povo, até o povão, até o caboclo, pode trazer sua contribuição. Ele pretendia lançar esse movimento no Brasil e interessou bastante a alguns elementos jovens, brasileiros do Rio. Robert Garic conhecia um pouco São Paulo, tinha contato com o Rio. Não houve contato com todos os brasileiros, o bom contato foi com o Rio, especialmente. E o contato com o meio exatamente católico, do tipo Tristão de Athayde. Ele tentou conquistar um pouco este meio, com suas idéias de contato. Fez muito sucesso. Era muito bem cotado por Dumas, que não era católico, que não era nada também. Era de origem protestante, não era católico. Livre-pensador. Foi bem escolhido. O segundo, Deffontaines, era também um elemento muito interessante, professor de Geografia, também católico do tipo *gauche*, muito entusiasta, muito liberal, liberal no sentido social, e era professor de Geografia, especialmente Geografia Humana, a influência do homem sobre a terra e da terra sobre o homem. Conseguiu entusiasmar os alunos por um conhecimento mais direto, mais concreto da verdade brasileira no sentido do ambiente, da terra, da selva. Ele disse: vamos passear juntos. (Ele dava aulas de Geografia assim) Uma vez, resolveu subir o Jaraguá: esta montanha vale a pena, precisa subir

lá, custa um pouco mas, amanhã, quem vai conosco? Entusiasmou e levou a turma para o pico. A turma ficou tão entusiasmada que no dia seguinte saiu até poema nos jornais: “Descobrimos Jaraguá/o Himalaia Paulista/Precisa abrir um pouco os olhos/para ver o que temos lá” Fantástico! O Deffontaines entusiasmou, foi muito bom professor de Geografia, também era católico mas do tipo bem aberto, e desde o início ficou em contato com o Rio. São os únicos da turma que tinham contacto com o Rio. O resto da turma, nós, não: lá era Getúlio.

P — Faziam um papel de ligação?

P.A. B. — Ligação, sim mas alguns de nós ficamos um pouco desconfiados.

P — Está jogando em que time, joga no time de lá ou no time de cá?

P.A. B. — E o Rio, era Getúlio. Bom, outro, interessante, era católico também: Coornaert, talvez fosse o mais velho de nós, talvez com 40 anos, era pesquisador erudito sobre a indústria de tecelagem na Bélgica. Era um bom historiador e também elemento católico, aberto, não tanto do tipo social como os outros, mas bem marcado. Tinha um ensino muito sólido, intenso, mas também era um elemento que não podia ser suspeito de idéias subversivas. Ah! estou pulando um nome, é Borne, depois eu vou falar, talvez você tenha alguma informação, também um bom católico, mas tomista, e com influência de Santo Agostinho. Sabe, a influência de Santo Agostinho é bem diferente da dos tomistas. Nesse sentido, ele foi um professor de filosofia bem diferente do racionalismo tomista, mais apegado à tradição agostiniana, esse tipo de católico não tanto social, seu jeito de pensar, se questionando, uma certa angústia, um questionamento pessoal, mais pessoal, uma certa tensão. Os alunos gostavam. Não acompanhava muito os católicos do Rio.

P. — Sei. era do outro time.

P.A. B. — Bom, mas bem escolhido também. Este ficou só seis meses. Depois continuou na França e foi um dos

fundadores da famosa revista francesa e católica mas muito aberta, chamada *Esprit*.

P — Agora falta falar do sr., para completar o grupo.

P.A. B. — Eu, eu, *Paulo Bastide*. Primeiro não é absolutamente católico, pelo contrário, de formação protestante, começou na França, é muito individualista e com muita, muita contestação e muito espírito crítico.

P — O sr. é sociólogo?

P.A. B. — Sociólogo. Era de formação filosófica, mas quando cheguei aqui, conforme *Dumas* disse, era para eu me encarregar da cadeira de Sociologia, “Você tem idéia para Sociologia” Tinha já um certo interesse em estudar o famoso movimento da escola positivista brasileira, algo especial do Brasil. Onde posso encontrar uma igreja positivista, senão no Rio?

P — Era em 1934?

P.A. B. — 1934, é isso aí. Devo acrescentar que houve uma perfeita harmonia, não houve conflito. Cada um se reconhecia diferente do outro, absolutamente.

P — Se eu entendi bem, era um grupo bastante diversificado, com tendências diferentes, que tinha até um relações públicas como o sr. disse: aí, faziam contatos com o pessoal de lá e com os brasileiros aqui. E como foi a integração desse grupo com os brasileiros aqui? É importante também pra gente saber

P.A. B. — Ah! A integração foi muito boa para o grupo de *Garcic*, que se integrou muito bem e *Deffontaines* também. Não tivemos tempo de conhecer bem os brasileiros. Nós conhecemos mais as famílias que chamaríamos hoje dominantes. Não se pode exigir que todos conseguissem já uma integração com a realidade brasileira. Só depois, com *Roger Bastide*, se conseguiu uma melhor integração. Mas todos aqueles foram convidados, especialmente na companhia de *Deffontaines*, para os passeios, para visitar fazendas com ele. Fomos muito convidados a visitar as fazendas de café, a integração foi muito boa, entre nós não houve nenhuma dificuldade.

- P — E entre os outros, o pessoal da Alemanha e da Itália?
- P.A. B. — Houve uma unidade de objetivos, conseguiu-se isso. Cada um era diferente, mas não houve nenhuma competição, só depois, bem no fim, houve algumas manifestações fascistas contra os aliados. Mas isto nunca acarretou choque.
- P — Professor, o sr. ficou aqui até que época?
- P.A. B. — No Brasil, até 1946. Até 1941, em São Paulo, e depois fui transferido para o Rio porque as circunstâncias políticas mudaram com a entrada do Brasil na Guerra.
- P — Como ficou o ambiente?
- P.A. B. — Ah! Nesse sentido o ambiente, quando do momento da queda da França (1940), Paris em chamas, foi terrível para nós.
- P — Como ficou o relacionamento com as outras missões? Ainda estavam as outras missões aqui ou já não estavam mais, a italiana e a alemã?
- P.A. B. — Nesse momento, talvez tenha havido uma certa sensação com os italianos. Não houve problemas. Quando os italianos festejaram a queda de Adis-Ababa houve um certo mal-estar. Mas os alemães eram eles mesmos judeus na maioria, entre os italianos também, portanto perseguidos. Entre os italianos, havia um que era de origem russa, de alta qualidade científica, que deixou aqui a cadeira de Física, num alto nível nuclear, e se casou com uma senhora romana. Era nitidamente antifascista. Conosco, continuaram os sentimentos de amizade e simpatia.
- P — Então não teve nenhum problema.
- P.A. B. — Não. Quanto aos brasileiros, você não imagina a simpatia, o impulso de solidariedade, de condolências, de afeto, que os brasileiros nos manifestaram na ocasião da queda de Paris. Era tocante. Eu vi brasileiros chorando.
- P — A influência francesa na cultura brasileira foi muito grande!

P.A. B. — Fantástica! E nesse tempo, as circunstâncias fizeram com que eu fosse adido cultural, no Rio. Todo nós torcemos por De Gaulle, não por Vichy. Então, logo fui chamado, em 42, para tomar conta do serviço de informação de imprensa na Embaixada. Por dois anos aceitei este trabalho, por um acordo com a Universidade; o Brasil acabava de entrar na guerra, havia facilidade para aceitar este convite. Continuei com a ligação com São Paulo mas morava no Rio, e praticamente meu trabalho era de informação à imprensa, no Rio. Aprendi muito da mentalidade carioca. É outro país, uma gente de outro planeta.

P — Foi difícil seu novo trabalho?

P.A. B. — Era difícil. Organizei um serviço diário, uma emissão de rádio cotidiana do serviço cultural francês, que todo dia fazia um programa em emissoras de rádio para todo o Brasil. Deixei o escritório da embaixada, na Praça Mauá, para fiscalizar os programas que nós preparávamos para as emissoras de rádio, notícias, etc. Conheci a vida dura do homem de jornalismo. Mas gostei muito.

P — Gostaria de voltar atrás e esclarecer um ponto: o ponto de partida.

P.A. B. — É muito interessante que muitos brasileiros não saibam. Até os mais velhos.

P — Como o sr. disse, quando o sr. veio para cá, havia um decreto, etc. Mas como é que começou mesmo?

P.A. — B. — Bom, tinha já o decreto. E depois da revolução de 32, sabe quem foi o interventor escolhido pela generosidade e grande inteligência política de Getúlio? Escolheu-se um interventor — não um governador, um interventor — e uma escolha que não fosse recommençar a luta contra o Rio. O interventor foi Armando de Salles Oliveira, escolhido entre aqueles que acabavam de lutar contra o Rio. Foi um gesto que denota a inteligência política de Getúlio.

P — Quer dizer que Armando Salles foi interventor no Rio.

P.A. B. — Não! Aqui!

P — Aqui em S. Paulo?

P.A. B. — Imagine que o delegado do Rio depois da Revolução de S. Paulo, o delegado do poder central, quer dizer o fiscalizador escolhido, era exatamente o chefe do Partido Constitucionalista que fez a Revolução contra o Getúlio. Alta política do Getúlio.

P — Esperto!

P.A. B. — Bom, ele tinha possibilidade. Teve que cumprir todas as ordens, toda a orientação do Poder Central, do ponto de vista orçamentário etc. Mas durante dois anos, teve a liberdade de iniciar qualquer coisa do ponto de vista de Educação: Vamos aproveitar esta oportunidade para fazer uma Universidade, vamos aproveitar esta margem pequenina. Aproveitar um momento único. Foi uma oportunidade fantástica. Bom, como aconteceu? Então designaram um professor brasileiro que se chamava Teodoro Ramos para viajar para a Europa a fim de contratar professores. Mas não sei bem se houve uma influência italiana, sua viagem foi orientada para Roma e Itália. Não sei se atrás disso houve já uma escolha, mas Júlio Mesquita telefonou ou mandou um telegrama a seu amigo Georges Dumas: há um professor encarregado que vai a Roma, ele vai passar por Paris depois, mas é o encarregado. Ele foi a Roma porque talvez as ligações com Roma fossem boas nesse tempo. Logo, logo, Dumas foi a Roma, ele foi lá para encontrar Teodoro Ramos. Não tinha idéia de roubar qualquer coisa pré-estabelecida com os italianos. Dumas disse a ele que sabia que ia encontrar professores italianos, mas que seria um prazer se ele contratasse também professores franceses, como nós.

P — Os Mesquitas fizeram papel de mecenas nessa época?

P.A. B. — O que?

P — Os Mesquitas.

P.A. B. — Não. Mecenas?

- P — Quer dizer, eles financiaram alguma coisa, ou não?
- P.A. B. — Não!
- P — Foi só o papel de influência, então? Quer dizer que a parte financeira foi feita pelo próprio governo de S. Paulo?
- P.A. - B. — Sim. No caso da Escola de Sociologia e Política, criada um pouco depois da Semana de 22, foi o Simonsen que financiou; isto é um aspecto bastante interessante.
- P — Bom, então o Dumas foi a Roma para esperar o enviado brasileiro?
- P.A. B. — Ligação direta com Dumas. Nesse sentido não se pode deixar de dizer que foi o ponto de partida. Às vezes estes aspectos são mistérios para muitos brasileiros que os ignoram completamente. Mesmo gente de 50 anos, que até não se interessa, mas quando me encontra pergunta como foi, quando conto a história, acham a piada muito boa, ah! muito bem, muito interessante.
- P — Pelo que eu entendi, o interventor estava de mãos amarradas em uma série de áreas, com exceção da área de educação: então foi a válvula que se encontrou.
- P.A. B. — Ah! Mesquita não perdeu esta oportunidade e Dumas escolheu ditatorialmente, segundo o seu palpite. Sou um daqueles que se aproveitaram de seu palpite, mas afinal de contas escolheu muito bem, com muito equilíbrio. Ele mandou um telegrama lá: gostaria de conversar com você.
- P — Da última vez que conversamos, o sr. disse que houve uma cerimônia no Teatro Municipal para celebrar a fundação da Universidade no dia 25 de janeiro de 1934?
- P.A. B. — Não tenho certeza que tenha havido.
- P — Foi o sr. que disse.
- P.A. B. — Eu sei, eu sei! mas acho que houve antes umas aulas lá na Dr. Arnaldo, na Faculdade de Medicina

antiga, numa salinha em baixo. E na sala de Geografia na rua Benjamim Constant. Lembro que meus colegas franceses e eu fomos solicitados para trabalhar no regulamento interno, currículos etc. Estávamos em crise de consciência profissional, tínhamos vindo para trabalhar e não estávamos fazendo nada. Então se arranhou um programa de conferências. Mas a data de 25 de janeiro como abertura não evoca nada. Lembro que demos aulas na Medicina, onde o diretor era o Almeida Prado e lá foi o ponto de partida. Houve o período das conferências. seria fácil verificar pelos jornais.

P — E os srs. chegaram aqui no fim de 1933, como o sr. me disse?

P.A. B. — Não, não, chegamos aqui em 1934.

P — Mas já no começo de 1934?

P.A. - B. — Ah! Me parece que chegamos aqui em junho de 1934.

P — Então já existia a Universidade!

P.A. B. — Não!

P — Mas a data da fundação não é 25 de janeiro de 1934?

P.A. - B. — Onde é que o sr. achou eseta data?

P — Pelo menos é a data que a gente conhece.

P.A. B. — Mas as coisas que a gente conhece não correspondem às vezes à verdade.

P — Então é isso, então essa data.

P.A. - B. — O sr. achou essa data num decreto?

P — Não, é a data que eu ouvi falar, que é 25 de janeiro, tanto que a gente comemora o cinquentenário da fundação a 25 de janeiro de 1984, 50 anos.

P.A. B. — Me parece que houve um decreto que saiu editado em 1933, não é verdade? mas a nossa chegada é em 1934. São coisas fáceis de verificar.

P — Tudo bem, é que no outro dia o sr. disse que tinha chegado em 1933.

P.A. B. — Não, não, não, não!

P — Não?

P.A. - B. — É uma data para mim muito clara: junho de 1934.

P — Dia 25 de janeiro também é a data da fundação da cidade de São Paulo.

P.A. - B. — Esta coincidência da fundação de São Paulo e da declaração oficial da abertura da Universidade é suspeita.

P — *Fizeram* uma coincidência.

P.A. B. — Há um decreto de 1933, junto com o decreto que saiu no Diário Oficial: gostaria de saber o que são esses dois decretos, e se coincidem. Isso é no papel.

P — Na prática começou no segundo semestre de 1934?

P.A. B. — Certo, começou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, mas não existia alguma coisa que se chamasse Universidade de São Paulo; existia um reitor.

P — Quem era o reitor na época?

P.A. B. — Ah! Era o Reinaldo Porchat. Existia um Magnífico Reitor, figura simpática, solene, mas não existia alguma coisa que se chamasse Universidade de São Paulo.

P — E a Universidade nasceu formada por mais escolas, a Medicina, a de Direito, a Politécnica e a Faculdade de Filosofia?

P.A. B. — A idéia dos fundadores era que houvesse em primeiro lugar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para que pudesse haver uma Universidade — isto era uma plataforma de base —, reunindo depois as Faculdades que já existiam, Medicina, Direito, Politécnica. O decreto era de 1933. Coincidência maravilhosa e suspeita. O problema é: valerá a pena manter a versão oficial ou divulgar como de fato foi, que é mais engraçado?

P — E os alunos, quantos alunos tinha? Houve procura?

P.A. B. — Muito poucos! Não se tratava propriamente de alu-

nos, tratava-se de ouvintes, que tinham interesse. Talvez não chegassem a cem. Aliás, entre os primeiros alunos estava Júlio Mesquita Filho! Eram gente já formada.

P — Era já gente de classe alta, mais rica, mais culta.

P.A. B. — João Cruz Costa, entre os primeiros, conhece?

P — Já ouvi falar.

P.A. B. — Décio Fernando Alvim, um jurista, e seu irmão que era médico. Um bom trabalho histórico seria exatamente tentar fazer coincidir ou não coincidir a realidade vivida com a realidade documental.

P — Nessas primeiras aulas os professores eram todos estrangeiros ou havia algum brasileiro?

P.A. - B. — Nenhum brasileiro! Fantástico!

P — E isso foi uma decisão dos organizadores?

P.A. B. — Foi. E isto sem magoar sensibilidades. Depois, mais tarde, sim, começaram a nomear. Mas no início o único brasileiro era o diretor. Não tomaram parte no corpo docente e não houve nem protesto da sociedade paulistana, já que se tratava de uma experiência pedagógica nova. Pelo menos foi assim com o grupo, terá sido diferente o que aconteceu com o grupo científico italiano e alemão. Não posso dizer porque fizeram assim. Onde se realizaram as primeiras conferências? não sei. Um pouco depois, no ano seguinte, o local mudou e foi para o bairro de Campos Elísios, na Alameda Gleite, onde, me lembro, funcionava o currículo de ciências; talvez tenham sido lá os primeiros anos dos professores de ciência. As conferências do ponto de partida eram da missão francesa.

P — Então começaram as aulas, quer dizer, teve início a Faculdade de Filosofia. Como a coisa evoluiu a partir daí?

P.A. B. — Bom, primeiro foi a mudança de local. Quando foi esta mudança? Será no fim de 1934, no início de 1935? Não me lembro muito bem. Mas houve peque-

nos incidentes com os alunos da Medicina. Não sei o que houve, a sala estava trancada, fechada, por protesto dos estudantes de Medicina. Nesse tempo era muito mais calmo do que hoje, foi bastante discreto. Mas a sala apareceu trancada, sem a chave. Então era bom procurar outra.

P — E daí mudou pra onde, professor?

P.A. B. — A saída da sala da Medicina será já em 35, o ano letivo começava em junho, as conferências foram talvez no fim de 34. Foi uma emergência para dar um pouco de trabalho e alguma coisa para fazer àqueles professores franceses que se achavam com a consciência profissional abalada. É muito interessante para mim contar isso. Me parece que nós mudamos para um local perto da Consolação, que eles tinham lá, no lugar atual da Biblioteca Municipal Mário de Andrade — que eu vi construir — e que então não existia. Lá tinha um lugar que pertencia a um gremio relacionado com a Igreja.

P — Cúria Metropolitana.

P.A. B. — Ah bom. Me parece que depois arrumaram um lugar suplementar, um terceiro lugar na Praça da República, na Escola Normal Caetano de Campos. Lá ficamos bastante tempo, e em baixo era o Instituto de Educação, que não era integrado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

P — Nessa época já tinha professores brasileiros, quando mudou para a Caetano de Campos, ou ainda não? Quando surgiu a presença deles?

P.A. B. — Não tinha nenhum professor brasileiro.

P — Quando começou a aparecer?

P.A. B. — Ah! quando começou? Já depois de 37, 38, não sei bem quando apareceu Milton da Silva Rodrigues, que fazia Estatística. Esse é um documento que até gostaria muito de localizar. Cronologicamente demorou; mas eram poucos.

P — Havia alguma restrição para essa entrada, ou não havia condições?

P.A. B. — O modelo, a diretriz, era que uma Faculdade, quando de nível superior, nível universitário, não deve já abrir as portas à entrada de elementos que pertencem ao ensino primário, à escola normal; não se deve misturar a esta idéia. Não sei quando saiu o decreto que abriu a porta.

P — Para o concurso?

P.A. B. — Não, não para o concurso, para que os alunos da escola normal fossem alunos da Faculdade. Lá pela primeira vez nós conhecemos verdadeiros estudantes, que parecem estudantes, não? Fernando de Azevedo era diretor da Escola Caetano de Campos e do Instituto de Educação; ele me pediu para dar um curso de metodologia do ensino secundário. Este pedido para mim não correspondia a coisa alguma. O fato é que nós todos éramos professores mas ainda não tínhamos feito tese, não éramos titulados. Concordei, de fato eu sou professor de ensino secundário oficial, *Agrégé* de Filosofia, já tinha dado curso de Filosofia nesse tempo. Tinha interesse pelo ensino secundário e por tudo isso, resolvi falar da minha experiência. Talvez esse curso tenha sido um primeiro elo de ligação. Depois saiu o decreto dizendo que todos os alunos que quisessem ser professores secundários podiam. Era a primeira vez que tinha aluno verdadeiramente. Isso aconteceu já em 36.

P — Depois dessa fase, então, houve a primeira turma? Foi essa a primeira turma, com colação de grau e tudo?

P.A. B. — Foi. Eu tenho a fotografia. Para nós uma mordomia assim era muito folclórica, uma grande demonstração. Me lembro que eu participei da entrega de diplomas. Fantástico! Nunca vi!

P — Bom, professor, com a Faculdade de Filosofia já em andamento, como o senhor disse, com as primeiras turmas realmente de alunos participando, quais foram os passos seguintes para a formação da Universidade? Foi criada outra escola ou foi definido que havia uma Cidade Universitária ou isso foi decidido mais pra frente?

P.A. B. — Não, não, na ocasião, foi logo um dos diretores, Ernesto de Sousa Campos, que começou um grande projeto com os convidados da casa, mostrou os planos em medida reduzida, uma maquete, e houve recepção na casa do reitor. Muitas vezes foi lançada a primeira pedra, tantas primeiras pedras!

P — O sr. lembra da primeira?

P.A. B. — Foi lá em cima, na Rebouças.

P — Em cima da Rebouças?

P.A. B. — Em cima, na subida, no encontro com a Consolação. Lá foi lançada a primeira pedra da Cidade Universitária.

P — Isso é curioso. O sr. lembra mais ou menos em que época?

P.A. B. — Ah! 35-36 Precitaria fazer uma boa história, de um lado como documento vivo, do outro lado com os documentos escritos para conferir — não fazer necessariamente a superposição de ambos, que seria artificial.

P — Um paralelismo.

P.A. B. — O grande acontecimento que marcou foi, em 37, o golpe de Getúlio.

P — O golpe de Getúlio mudou o panorama aqui completamente.

P.A. B. — Ah! É!

P — O que aconteceu com a Universidade de São Paulo?

P.A. B. — Aconteceu uma campanha contra nós.

P — Por que a essa altura Armando de Salles Oliveira já tinha saído.

P.A. B. — É, já tinha saído. Campanha violenta, chefiada pela *Gazeta*, criticando bastante os elementos estrangeiros, nitidamente anti-francesa.

P — Foi nessa época que o *Estado* foi fechado?

P.A. B. — Se ele foi fechado? Acho que não.

P — Foi, fecharam as portas, houve interventor do governo, e daí Julio Mesquita foi para o exílio, tem uma história. Não, o exílio foi em 32, estou fazendo confusão.

P.A. B. — Conheço perfeitamente a história do jornal. Eu morava nesse tempo na rua Venezuela, no Jardim América. Em frente à minha casa — não sei o nome dele, do dono da casa —, sei perfeitamente que Julinho se escondia lá. Dormia lá, porque não podia ir para casa. Eu estava lá todo dia, estava com Julinho, com Georges Dumas. Eu costumava ir ao escritório do *Estado* quando era na rua Boa vista, eu passava lá, quase todos os dias.

P — Mas então o sr estava falando do problema da campanha da *Gazeta* feita pelos grupos fascistas e tudo mais; e o que aconteceu com a Universidade nessa época?

P.A. - B. — Fascistas, é um pouco prematuro também.

P — Ou era ainda o integralismo.

P.A. B. — Ainda integralismo, Plínio Salgado etc. Esta campanha violenta dos integralistas contra o grupo francês coincidiu com a campanha da *Gazeta* articulada com o grupo integralista, talvez um pouco depois. O diretor da Faculdade mudou. Quem ficou no lugar foi Alexandre Corrêa pai, grande jurista, homem que respeito muito, sou amigo dele, está com 91 anos. Mas nesse tempo imagina a mudança radical!

P — Com uma linha de pensamento diferente.

P.A. B. — Mais do que linha de pensamento, linha de ação.

P — Linha de ação também?

P.A. B. — Logo se espalhou o boato de que iam fechar a Faculdade. Eu não quero magoar ninguém — dá para escrever cinquenta livros — mas devo dizer que nesse tempo eu conhecia Alexandre Corrêa muito bem, e depois de sua posse convidou todos os professores e perguntou a cada um: eu quero saber qual é a

sua escola intelectual, você é da escola de Durkheim, ou de quem? Eu respondi: sou eu, a minha escola (respondi um pouco duramente.) Eu não compreendo bem essa pergunta, fui contratado fora de qualquer escola, sou inspirado pelas obras marcantes, mas não tenho escola! — Nessa época, eu tinha feito uma introdução ao livro de Durkheim, um trabalho grande, de umas 120 páginas, à tradução para o português das *Regras do Método Sociológico*, publicado pela Editora Nacional em 37, onde analiso o proletariado, mas também com elementos de crítica. — Eu não pertencço a nenhuma escola, a não ser à minha! E qual é a sua? Ora, sou moço, sou aberto, não sei dizer qual é. Houve mudanças, uma nova mudança.

P — Mudaram de novo?

P.A. - B. — Mudaram novamente e eu não consegui ficar lá com tanta mudança.

P — Quem nomeou o Alexandre Corrêa foi o governo federal da época?

P.A. B. — Não foi certamente Júlio Mesquita. Foi à revelia dele.

P — Julio Mesquita fazia parte do Conselho da Universidade, não?

P.A. B. — Não, nada! Era eminência parda. Mas muito poderoso e muito mais importante que o reitor. Em tudo isso o reitor não apareceu, não tomou posição.

P — Quanto tempo durou Alexandre Corrêa na direção?

P.A. B. — Muito pouco, um ano letivo. Depois saiu, e quem apareceu? Fernando de Azevedo como diretor! Bem diferente!

P — E depois dele, veio quem?

P.A. B. — André Dreyfus. Brasileiro, eminente professor de Biologia, muito interessante, falava perfeitamente o francês, era judeu, e muito ligado à orientação liberal.

P — Na época de Alexandre Corrêa, com essa cobrança de qual é a escola dos professores, houve alguém

que deixou a Faculdade na época, deixou a Universidade e voltou para a França? Ou todo mundo ficou?

P.A. B. — Eu fiquei. Tínhamos a possibilidade maravilhosa de todos os anos voltar ao nosso país, nas férias. Todos os meus colegas voltavam e recebiam do Dumas um conselho: se não há necessidade de voltar, para vocês seria bom que alguém fique. Bastantes ficaram.

P — Quer dizer que os colegas voltaram para a França e ficaram lá?

P.A. B. — Mas voltaram em férias, sem caráter de protesto.

P — Mas depois não retornaram.

P.A. B. — Sim, eu fiquei aqui para ver como os acontecimentos se encaminhavam. Porque havia a ameaça, não sei se foi boato, de que iam pedir a demissão dos franceses, cujas idéias abertas e liberais não combinavam com a época. Depois encontrei o velho Alexandre Corrêa, achei ele um pouco mudado, mas lembrei com ele deste momento. Ele não tinha idéia, não lembrava. “Porque você perguntava aquelas coisas de escola?” Ele disse: “Ah! por informação!” E agora somos muito velhos, muito velhos.

P — Bom, professor, pelo jeito o sr não gosta muito dessa fase?

P.A. B. — Ah! não é que eu não gostei, faz parte do panorama concreto, panorama vivo e acho que posso dizer que na verdade sou o único, o sobrevivente que pode dar um testemunho, não dramático, mas talvez.

P — Na época em que houve essa intervençãozinha os alunos tiveram alguma participação?

P.A. B. — Não tinham consciência de estudantes. Alguns alunos manifestaram em alguma medida apreensão, “não é bom para nós” Mas não houve nada mesmo.

P — Bom, passada essa fase então veio o Dreyfus, como o senhor disse, e daí a coisa andou mais normalmente ou houve algum fato desse tipo?

P.A. B. — Não, andou normalmente.

P — Até que época?

P.A. B. — Deixei a Faculdade em 41, no momento da guerra que arrebentou em 39 na Europa. O momento era diferente no Brasil, havia a corrente pró-Alemanha e Itália, pouco a pouco o movimento integralista tomou força e houve nova campanha contra a missão francesa. Eu talvez faça confusão: são dois momentos, duas fases, a agressão em 37, quando do golpe de Getúlio, e a de 39-40. Denunciaram publicamente o fato, que era real mas era segredo, de que nós tínhamos aderido ao movimento de De Gaulle, que os professores estrangeiros estavam fazendo política na Universidade. Havia os franceses que se conformaram com Vichy e os franceses que apoiaram a Resistência de De Gaulle. Até que o Brasil entrou na guerra! Tudo mudou!

P — Aí tudo voltou às boas. O sr. ficou aqui até quando, professor?

P.A. B. — Até 41, 42, como já expliquei ao sr. Fui chamado ao Rio pela embaixada para tomar conta do serviço de informação à imprensa, com a total concordância da Faculdade de Filosofia, que considerou que eu estava lá como funcionário brasileiro: fui posto a serviço para um período militar. Nesse tempo, eu ocupava a cadeira de Política, que mais tarde foi ocupada pelo Lourival Gomes Machado.

P — Depois dessa época então que o senhor foi pro Rio, ficou lá até.

P.A. B. — Fiquei lá no Rio entre 42 e 44

P — Daí o sr. voltou pra São Paulo?

P.A. B. — Voltei para São Paulo muitas vezes, minha família estava lá, e para continuar meu contacto com a cadeira de Política. Mas já preparei minha volta para a França em 46.

P — E esta área aqui da Cidade Universitária quando é que ela começou a ser.

- P.A. B. — Não posso dar uma resposta lá bem clara. Qual é. me parece que tomou vulto, existência, nova pedra... Eu fui convidado a assistir à primeira pedra, à primeira obra. Acho que não assisti à segunda, só assisti à primeira pedra. Será que conheci a Cidade Universitária só quando voltei novamente, convidado pela Universidade em 54? Não me lembro, não tenho lembrança, antes, de haver uma Cidade Universitária já construída. Não assisti à construção. Ou era mato ou já tinha alguma coisa, era anunciada alguma coisa importante e que respondia mais ou menos a um plano de unificação do nosso diretor. Ernesto Sousa Campos, nosso diretor arquiteto, é que sonhava muito mais com os planos da Cidade Universitária e com a sua dimensão.
- P — Quer dizer que a Cidade Universitária tinha alguma coisa a ver com aqueles planos iniciais, ou não?
- P.A. B. — Ah! pouca coisa, não tinha esta extensão formidável, só tive impressões da massa que constitui o campus em 54. Voltei depois em 65. Em 65 dei aulas de novo, aí já tinha a Faculdade de Educação.
- P — Professor, tem mais alguma coisa que o sr. queira falar?
- P.A. B. — É muito interessante mesmo para mim acompanhar estas lembranças de vida. Ah! eu queria dizer outra coisa também importante, a composição da missão francesa mudou, outros elementos aparecerem além daquele primeiro grupo. Tempos depois, fui convidado por um antigo reitor, Miguel Reale, que também tem as raízes em alguns movimentos de 64. Tive um bom contato com ele, ele me convidou à sua casa para uma reunião da Sociedade de Filosofia. Lá encontrei elementos bem interessantes que pertenceram às primeiras turmas, que acompanharam as aulas de Geografia de Deffontaines, as aulas de Garic. O impacto daqueles elementos da primeira turma, daquele Garic, católico das *Équipes Sociales* e que deu um impressionante curso de Geografia Humana. Vou acrescentar minha informação nesse ponto: entre os primeiros alunos que se destacaram, que era muito conhecido desde o 1º ou 2º ano, o Pra-

do Júnior! Mas não tinha escrito ainda sua obra sobre a história econômica do Brasil, era homem mais moço que nós, tinha 30 anos e era muito interessado pelo grupo de Geografia; me lembro que tinha a figura do jovem Caio Prado Jr. Desta vez não visitei ele, que estava um pouco cansado. Outra coisa que eu queria dizer e que eu acho importante: a composição do grupo francês mudou. Alguns da primeira missão voltaram: Garic, Deffontaines, Borne, voltaram. Encontrei na casa do Miguel Reale pessoas que tinham sido alunos daqueles primeiros e que podem testemunhar. Bom, outra coisa importante é: desde 35 ou 37, apareceram elementos novos. Não sei se em 35 ou 36, apareceram Lévi-Strauss, Mombeig e elementos que foram professores de Economia Política. O grupo da primeira turma não tinha economista, mas tinha um lugar previsto para um. E me pergunto quando chegou Roger Bastide, se em 35 ou 36.

P — Roger Bastide era seu parente?

P.A. B. — Não, não, muito amigo, vínhamos do mesmo lugar na França, no Sul, na Provença. Era muito amigo dele, conhecia ele já antes, mas chegou aqui sem nenhuma ligação comigo. Seria bom localizar os documentos dos arquivos com a equipe da Universidade, para tudo isso. O importante que eu queria dizer era isto: houve na composição do ensino das Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras uma cadeira de: primeiro, Economia Política e segundo, Etnologia e Antropologia. Ah! quando o senhor perguntou se não tinha nenhum brasileiro, eu pensei: não, o nome do Plínio Ayrosa não deve ser esquecido. Também Egon Schaden, esse ainda vivo, em Antropologia. Bem no início, dentre os brasileiros, Emílio Willems, brasileiro, talvez um pouco antes, quando Fernando de Azevedo assumiu a direção. Era professor de Sociologia em Santa Catarina, de origem alemã, fez o primeiro trabalho muito interessante sobre a aculturação dos alemães do Brasil em Santa Catarina. E talvez tenha sido ele que empregou em português pela primeira vez a palavra “aculturação”. Se a gente quiser fazer um histórico fiel na medida concreta, uma história fiel

da colaboração dos elementos brasileiros à missão que primeiramente era estrangeira: foi Fernando de Azevedo quem introduziu Emílio Willems. Bom, outra coisa que eu queria dizer também, tínhamos marcado um lugar para Economia Política, isso é muito importante, porque desde 35 ou 36 chegavam fessores de Economia Política. Para nós franceses, para mim francês sociólogo: gostei muito do fato de que na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a concepção do ensino das ciências humanas incluísse esta disciplina. Aproveitei muito a presença de meus colegas economistas. Mas deve ser apontado porque, o Brasil, que tem uma concepção mais aberta do que a França, sem influência americana, espontaneamente o Brasil abriu um pouco o conjunto do que se pode chamar as Ciências Sociais: uma iniciativa que merece ser apontada *do Brasil*. Um, muito importante, que se chamava François Perroux, merece ser lembrado: é um nome eminente do ensino de Economia Política francesa; chegou aqui em 35. Homem de uma erudição formidável, capacidade de ensinar, de dar informações, fez um montão de apostilas, centenas de páginas, fantástico! Contatou aqui a Câmara de Comércio Francesa, foi secretário da Aliança Francesa, um bom secretário; ele ajudou muito. Exerceu aqui uma influência considerável. A embaixada me pediu para acompanhar François Perroux para dar conferência em Porto Alegre (tenho o recorte do jornal). Fomos recebidos pelo gaúcho caudilho Flores da Cunha. Era conferencista extraordinário, erudito, conhecia francês, inglês. Era católico, foi muito amigo do Alexandre Corrêa, e resolveu morar no Convento do Sumaré, dos padres salesianos. A igreja ainda não era construída, e ele pediu hospedagem lá. Esse, era uma figura. Depois veio um outro professor de Economia Política, ficou só um ano, não tão brilhante, mas um elemento informado: Frommont. Nós franceses desfrutamos muito da presença e das conversas com esses colegas todos. E os brasileiros a quem nós devemos isso. Fantástico!